

Uma crônica de Petrópolis

Na cidade de Pedro. Pedro de Alcântara: padroeiro e imperador. Cidade das muitas pedras de Pedro, orgulhosa de sua arquitetura imperial. No centro histórico, as alamedas arborizadas estendem seu tapete para construções antigas e majestosas marcadas ainda pelos brasões de antigos donos.

Ruas que são imperatrizes e gritos de uma realeza que permanecem no imposto que tão docemente sustenta os herdeiros das pedras da cidade (daí a taxaço ser exato sobre as construções que se erguem sobre o lar de Pedro).¹

E a cidade assim história e tempo não permite esquecer. Mas esquecer o quê?

Abrem-se os portões do Museu Imperial para o encantamento das salas, móveis, jóias, figurinos... que nos dão mais daquele Pedro cujos restos também não se deixam esquecer, guardados no mausoléu da catedral deslumbrante cujo cimo fere o céu azul de Petrópolis. O esquecimento é proibido em Petrópolis e isso poderia fazer com que o leitor desejoso de memória (sobre o Brasil e sobre si mesmo) desse um sorriso de satisfação. Mas há uma tensão no canto da boca que torna o sorriso algo ambíguo, espécie de careta indecifrável.

Um show de luzes e som, eis o que nos oferece o museu já espetáculo em sua busca por popularidade. Noite bela, jardins a meia luz e um soldado do Império contendo os ansiosos espectadores para levá-los pelos caminhos que conduzem enfim à fachada principal do prédio. Luzes e sons nos cercam, projetando-se sobre árvores, água e paredes. Cercados estamos também por vozes que narram. Uma em especial desperta a minha boa vontade: a do saudoso Paulo Autran².

Tudo mesmo tão belo, pena (mil vezes pena) não ser suficiente para que a viagem proposta fosse algo mais que a negação de nossa história, a afirmação (dolorosa) das elites.

E Pedro II, tão majestoso e bom, e suas princesas, tão brasileiras e boas, e a incursão vitoriosa e magnífica sobre o Paraguai... No entanto, o Imperador, é bom dizer, não gostava de armas, amante que era das artes. Apenas desejava a queda absoluta de Solano, o presidente paraguaio. E o que dizer da corajosa e caridosa Isabel? Sua história singela de amor com o Conde D'Eu? Ou ainda sua mão estendida que tanta alegria levou aos pobres escravos?

A exuberância de sons e luzes são de fato projeções, tão belas quanto fantasmagóricas. Fantasmas de uma história. Versão que escamoteia os conflitos em sua natureza social, econômica e política, para fazê-los parecer apenas resultado de desejos e existências puramente pessoais. Porque a história é de príncipes e nobres, de suas roupas elegantes, de seus feitos e decisões, de sua aristocrática generosidade e de seus magníficos casamentos.

Parte-se da crença que, para atrair os olhos para a casa do Império, é preciso convencer a todos de que Pedro, ah Pedro, merece nosso amor, admiração, quase-súditos que somos. Desse modo, perguntar sobre o que significou o Império e o quanto do que vivemos hoje tem a ver com isso seria algo incapaz de interessar aos atuais brasileiros. Mostrar que é preciso entender os aspectos que envolviam a existência do Império, daquele modo de existir, das marcas e contradições da sociedade brasileira... isso não parece soar interessante. Opta-se pelo conto de fada no lugar da crítica; prefere-se a ilusão feita de pedra e projeções.

Assim, orgulhar-se da bela Petrópolis parece implicar a obrigatória mitificação de Pedro II e do Império, como se a história não pudesse pulsar intensa nas ruas, relembrando para entender e reescrever.

Seria, sem dúvida, insuperável reescrever a cidade, pedra a pedra, palavra a palavra. Haveria mais brilho nessa memória que contribuiria para o futuro, que se refaria na consideração do passado. Petrópolis (e nós) merece a pedra fundamental dessa reescrita.

Petrópolis, 14 de outubro de 2007.

Claudete Daflon

Coordenadora do Núcleo Pagu

¹ Em Petrópolis, há tributação sobre os imóveis que reverte para os descendentes da família real.

² Como deixar de fazer referência a Paulo Autran, ao ouvi-lo logo depois de sua morte com a voz do ator incansável?